ANO III — N.º 796 PREÇO 5 CENTAVOS Terça feira, 28 de Junho de 1921

REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico *Talhaba — Lisboa* • Telefone 5339
Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A LEI — DO — INQUILINATO

Os senhorios não descançam sem que a actual lei do inquilinato volte a sofrer modificações, em seu benefício, evidentemente.

A pressão feita, nesse sentido, sôbre todos os govêrnos passados, volta a ser feita sôbre o actual.

Eles servem-se de todos os pretextos e de todas as ocasiões para reclamar a alteração da lei. Até no Congresso Beirão, cujo fim era tratar do estudo dos interesses regionais das Beiras, o assunto do inquilinato foi lá levantado.

No momento preciso em que os factos sociais mostram, com tôda a evidência, a necessidade de restringir cada vêz mais o direito da propriedade e em que a crise económica se mostra mais agravada, é que o dr. sr. Cunha e Costa se lembrou de apresentar ao congresso, no desempenho manifesto de um frete mandado fazer e pago generosamente pelos senhorios, uma tese sôbre o inquilinato em que os interêsses dos inquilinos são esquecidos, desprezados, amachucados.

O advogado dos proprietários defendeu, no seu retrógrado projecto de lei, o direito do senhorio pôr na rua o inquilino sob o jesuítico pretexto de precisar do prédio para sua habitação, como se a anterior experiência não tivesse já dado os seus *benéficos* resultados! No projecto defendido pelo dr. sr. Cunha e Costa admite-se ainda ao senhorio o poder decuplicar a renda!!

E' inacreditável que haja quem tenha a coragem de propôr uma tal enormidade. Pois teve-a o dr. sr. Cunha e Costa e — é claro — encontrou no congresso, composto de grandes proprietários, o mais entusiástico apoio.

Os senhorios vão cada vez mais apertando o cêrco em volta do govêrno e consta já que êste lhes prometeu levar o assunto ao parlamento. E' possível que tal promessa obedeça apenas às necessidades impostas pelo acto eleitoral que se apróxima. Os votos dos proprietários, não são para desprezar. No entanto é conveniente que os inquilinos não descurem a sua defesa.

Nós não morremos de amores pela lei do inquilinato que está em vigor. Nem por esta, nem por nenhuma outra, por melhor que ela seja, porque sabemos bem que acima de tôdas as leis há uma com um poder superior e que, na prática, as revoga sempre: essa lei chama-se o *dinheiro*.

Estamos numa bela de civilização em que o mais rico domina o menos rico. Quem tem dinheiro é que legisla. Quem o não tem, é forçado a obedecer, e isto só deixará de ser assim quando os pobres compreenderem a necessidade de se unirem.

Pela lei do inquilinato os senhorios não podem aumentar as rendas, mas eles lá vão aumentando.

Não morremos de amores pela lei do inquilinato, diziamos. Ela tem muitas lacunas, como, por exemplo, a de não pôr côbro à desalmada e não menos revoltante exploração dos sublocatários, dos alugadores de quartos e partes de casa, e bem podia tornar mais efectivas e práticas as garantias dos inquilinos. Mas entendemos por conveniente não lhe fazer alterações. Deixem-na estar como está. Não lhe bulam, não lhe bulam...

União dos Sindicatos Operários

Comissão Administrativa

A reünião ordinária desta comissão não se efectua hoje, por motivos vários, reünindo extraordinàriamente na próxima 6.ª feira, pelas 21 horas. Todos os seus componentes devem comparecer, dada a importância dos assuntos a tratar.

A PORCA DA POLITICA

Resposta a um convite

Enganou-se no número da porta...

Dirigido à Associação dos Empregados de Escritório, foi enviado o seguinte comunicado do Grémio dos Professores Primários Oficiais:

«Sendo, no momento político que atravessamos, de alta vantagem social a representação parlamentar das diferentes classes organizadas, o Grémio dos Professores Primários Oficiais, para conseguir esta tam justa como oportuna aspiração, resolveu convidar as diferentes classes a enviarem um delegado à sua sede, Praça dos Restauradores, 15, 1.º, no dia 24 do corrente, pelas 21 horas, afim de, conjuntamente, resolverem a melhor forma de efectivar êste desideratum.»

Em resposta foi-lhe oficiado o seguinte:

«Em resposta ao vosso convite, temos a responder o seguinte:

Sendo esta associação aderente à Confederação Geral do Trabalho e aceitando com verdadeiro entusiasmo a sua tática anti-intervencionista e verdadeiramente sindicalista, não podemos representar-nos na vossa reünião.

Aceitai os protestos da nossa consideração e desejamo-vos Saúde e Transformação Social. — Pela Direcção, o vice-presidente, *Domingos Afonso Ribeiro*.»

Um roubo no ministério do comércio

Aparece arrombado o cofre forte

Ontem de manhã apareceu arrombado o cofre forte da pagadoria do ministério do comércio, sendo roubado dali cêrca de 7 contos e ficando ainda cêrca de 70$00 que um fornecedor não retirou no sábado e mais cento e tantos escudos, importância do ordenado dum funcionário. Estas duas importâncias estavam em sobscritos, o que certamente evitou que fôssem também roubadas. A polícia já tomou conhecimento do caso e iniciou os seus trabalhos para a descoberta do autor ou autores do roubo.

AOS BALDÕES PELA BEIRA

O papá Viriato

Na sala de visitas — Wagner em Viseu — Rivalizando com Lisboa — A púrria da Serra — Uma preciosidade arqueológica

Apesar de ter ido à Beira, como disse na minha primeira crónica, não vi a Beira. Nós, quando estamos longe, fantasiamos as coisas sempre diferentes do que realmente são. E, quando nos encontramos em presença do que desejamos ver, nunca acreditamos no que vimos.

Eu fui á Beira e estou convencido de que a Beira que entrevi é uma deliciosa mentira.

A Beira já sabia que os jornalistas iam lá vê-la e, como as mulheres vaidosas ao pressentir visitas na escada, trataram de envergar os seus melhores vestidos e de afivelar a máscara sorridente das grandes ocasiões.

Viseu é uma espécie de sala de visitas daquela província. Foi ali que a Beira nos recebeu, de cara lavada e vestido novo. As ruas eram transitáveis porque não tinham o característico tapete de sujidade da nossa capital. Viseu também tem um Rossio e a Câmara não teve a infeliz ideia de abater as árvores frondosas que o ornamentam. Ao centro do Rossio há um coreto e no coreto, uma banda militar toca música. Como havia visitas Viseu, à guisa de menina casadoira em frente do noivo apaixonado, não nos massou os ouvidos com *As passagens desta vida*, tocou-nos Wagner, autêntico Wagner, para nos deliciar.

Viseu deu-se ares de cidade civilizada. E, apesar de nas obras a taipal se trabalhar dez horas e de os camaradas manufactores de calçado baterem sola desde que rompe o dia até altas horas da noite, Viseu, para nos atordoar, para que nós não vissemos, uma ordem draconeana do sr. governador civil, obrigando a classe dos caixeiros a trabalhar no domingo, dia de Santo António, — Viseu, iamos dizendo, fazia estalar durante o dia morteiros formidáveis e à noite espantava-nos com um fogo de vista incomparavelmente belo.

— Viseu é uma cidade admirável!

Os estabelecimentos também nos mostraram o seu sorriso mais simpático, contentes de nos ter por hóspedes, alegres de poder rivalisar com a capital. Elevaram os preços dos artigos às radiosas culminâncias da mais absoluta carestia. Venderam-me leite a sete tostões o litro, num ar gentil, amigável, como se dissessem: «Ultrapassamos Lisboa, hein?» E num café, a querer dar-se ares de *Brasileira*, do Chiado, uma rapariga roliça, os olhos ternos plenos de promessas — ai de mim! — irrealizáveis, impingiu-me graciosamente, carinhosamente, a oito tostões cada garrafa, cerveja quente para evitar resfriamentos...

Eu tenho, afinal, nesta crónica *à la diable*, trilhado caminho diverso do que devia trilhar. Eu queria falar-lhes de Viriato e da sua influência sôbre os visienses.

Em Vizeu há a verdadeira obcessão de Viriato, o célebre lusitano que, se não estou em êrro, cento e quarenta anos antes da éra cristã, se revoltou contra o domínio de Roma. Para melhor compreensão da história é preciso dizer-se que, nesse tempo, os lusitanos eram uma espécie de púrria indisciplinada que andava aos pulos pela Serra da Estrêla e, volta e meia, zás! era pedrada que te parto, cá para baixo, quebrando a cabeça aos romanos com saraivadas de granito.

Estas aventuras entusiasmaram de tal forma os visienses, que ainda hoje albergam nas suas almas um verdadeiro culto por Viriato, que era matreiro e tinha a pedrada certeira. Dizem-se filhos de Viriato — evidentemente porque não podem dizer-se pais —; olham religiosamente um lugar onde se vêem uns leves indicios da cava de Viriato; há lojas de compra e venda, hoteis, o diabo, que ostentam orgulhosamente o titulo de Viriato. Um pintor, que os visienses muito prezam, pintou no teto do teatro Viriato um retrato do dito, o corpo todo estendido ao comprido, mostrando umas pernas enormes, grossas, colossais, desenvolvidas naturalmente pelo caminhar apressado nas alturas incomensuráveis da Serra da Estrêla.

Tudo vem de Viriato, tudo adora Viriato.

Quando entrei em Viseu, a comissão organizadora do Congresso, sempre amável e gentil para com os jornalistas, já me tinha mandado reservar quarto no Hotel Central, na rua da Cadeia — a cadeia até na Beira me apareceu. Logo no primeiro dia, ao jantar, sôbre a alvura da toalha encontrei um prato com azeitonas negras e scintilantes. Provei uma e reconheci que era mais velha do que a Sé de Viseu. Durante os dias que no hotel me conservei, as azeitonas lá estavam, engelhadas, como a pele daquela centenária que encontrámos no alto do Caramulo. Concluí, então, que as azeitonas não eram comestiveis. Tratava-se, com certeza, duma preciosidade arqueológica, que os forasteiros e os arqueólogos não conhecem e cuja descoberta me orgulho de proclamar bem alto. As azeitonas do Hotel Central — saiba-o o país, saiba-o o mundo inteiro — foram laboriosamente cortidas pelo papá Viriato.

Mário DOMINGUES

Notícias do exterior

A questão irlandesa

¿A próxima conferência, promovida pelo govêrno inglês, promoverá a pacificação?

LONDRES, 27. — Como conseqüência imediata do discurso pronunciado por Jorge V, por motivo da abertura do Parlamento do Norte da Irlanda, iniciaram-se medidas de grande alcance para a pacificação da Irlanda. O primeiro passo neste sentido, a que se liga a maior importância, foi tomado ultimamente por Lloyd George, que se dirigiu aos *leaders* reconhecidos como tais, no norte e sul da Irlanda, convidando-os para uma conferência em Londres. O convite está feito em termos sinceros, francos e até amáveis. A carta para De Valera era concebida nos seguintes termos: «O govêrno inglês está profundamente ancioso por que o apêlo dirigido pelo rei não seja em vão, pelo que julga, para que êsse apêlo não seja frustrado, de necessidade uma conferência com os representantes do Norte e Sul da Irlanda. Escrevo-lhe, portanto, para lhe fazer êste convite, como *leader* eleito pela maioria da Irlanda do Sul, ao mesmo tempo que faço o mesmo para com Sir James Craig, primeiro ministro do Norte da Irlanda, com quem conferenciará em Londres, podendo trazer qualquer colega que lhe aprouver. Entretanto o govêrno concede um salvo conduto a si, bem como aos seus companheiros. O govêrno toma esta medida no interêsse da harmonia e para que o apêlo de Sua Magestade surta o desejado efeito». — *Rádio*.

O tribunal de Leipzig

A pesada condenação de um «vermelho» provoca um grande protesto

LONDRES, 26. — Informam de Berlim que o tribunal de Leipzig condenou a trabalhos forçados perpétuos e a degrêdo civil o vermelho Max Hoelz. Apesar de tôdas as prevenções da polícia, não se pôde evitar um protesto contra esta condenação, que se manifestou na praça do Castelo Imperial, onde afluiram numerosos membros do partido bolxevista. — *Rádio*.

EM ESPANHA

Termina uma greve ferroviária

MADRID, 26. — Terminou a greve dos Caminhos de Ferro entre Medina, Zamora, Monforte e Vigo, normalizando-se todos os serviços.

Representantes de pequenas companhias ferroviárias dirigiram-se a La Cierva para que lhes permitisse aderir ao consórcio ferroviário. — *Rádio*.

Conflito entre sindicalistas e «esquirols»

MADRID, 26. — Um grupo de operários sindicalistas solicitaram a outros trabalhadores que se sindicassem também. Como opuzessem resistência, os sindicalistas dispararam vários tiros contra êles, do que resultaram três feridos. — *Rádio*.

A guerra greco-turca

O rei Constantino e o seu govêrno não desistem de continuá-la

PARIS, 27. — Tem dado origem a variados comentários a resposta da Grécia à oferta de mediação dos aliados. O govêrno do rei Constantino recusa essa mediação, apoiando-se em considerações de ordem militar, que o não permitiriam aceitá-lo no momento presente, mas declarando que, em qualquer altura das operações, o govêrno grego escutaria com muito agrado as propostas dos seus grandes aliados.

A responsabilidade da luta e dos seus resultados fica assim absolutamente a cargos dos gregos, que possìvelmente poderão ainda alcançar uns sucessos iniciais, que não poderão manter. As potências não devem permitir a continuação desta luta sangrenta e as nações que lhe pediram que suspendesse hostilidades são, agora, que êle se decidiu a continuá-las, menos do que nunca suas aliadas. — *Rádio*.

EM BILBAU

agrava-se o conflito entre senhorios e inquilinos

BILBAU, 27. — Continua a agravar-se o conflito entre senhorios e inquilinos. Nos tribunais teem-se seguido procedimentos rigorosos contra os inquilinos desobedientes. A situação é grave e temem-se desordens. — *Rádio*.

Pró-instrução popular

Inaugura-se hoje mais uma aula de instrução primária, para uso de operários e seus filhos

A Secção Sindical da Construção Civil do Beato e Olivais inaugura hoje, pelas 18 horas, uma aula de instrução primária para os sócios e seus filhos, bem como a respectiva bandeira sindical, devendo fazer uso da palavra vários elementos marcantes no movimento operário, que para tal foram convidados.

E' de esperar que os operários da construção civil da área acorram, no seu maior número, ao importante acto, que tanto enobrece a organização sindical.

Os organismos que, por lapso, não receberam comunicação directa, ficam por êste meio convidados a fazer-se representar.

Trabalhadores: Lêde e propagai A BATALHA

Falta de consciência

Urge que a tirania exercida sôbre os menores aprendizes termine de vez, para dignificação do proletariado

«Por ter peorado, recolheu ontem à enfermaria de S. João Baptista, do hospital de S. José, Artur Machado, de 15 anos, filho de Artur Machadi e de Maria da Conceição, aprendiz de serralheiro, natural de Lisboa e residente na Quinta Augusto Rosa, ao Alto dos Sete Moinhos, que há dias, por uma questão de trabalho, foi agredido com um pontapé por um oficial de apelido Oliveira, na oficina do serralheiro Caselas, na rua de S. Bento, ficando muito ferido na perna direita.»

Publicámos no nosso último número um *eco*, em que punhamos em evidência o nobre gesto de três operários da Câmara Municipal, que nos enviaram uma carta chamando a atenção da Sociedade Protectora dos Animais para o facto de na Abegoaria se matar à paulada cães vádios. Esse gesto dignifica a classe trabalhadora.

Em contraste, recebemos hoje, do nosso informador dos hospitais, a notícia acima transcrita. Para o justo chamamos a atenção do Sindicato Unico Metalúrgico. Não pode a classe trabalhadora ser responsabilizada pela má conduta e falta de consciência de alguns dos seus componentes mas, a verdade é que por essas oficinas e fábricas ainda se exerce hoje sôbre os pobres entes que a miséria dos pais atira, em tenra idade, para as agruras do aprendizato, uma tirania que não abona muito os sentimentos de quem a pratica. E' certo que êsse facto vergonhoso vai rareando, mercê do alto grau de consciência que o proletariado tem atingido nos últimos tempos, e a prová-lo está o facto recente de o Sindicato Unico Metalúrgico haver, com o maior carinho, não só apoiado a causa dos aprendizes duma fábrica, que se declararam em gréve por o respectivo patrão pretender contra a lei, obrigá-los a trabalhar horas extraordinárias, mas ainda ter promovido uma acção contra o referido industrial no Tribunal dos Arbitros Avindores.

E' absolutamente necessário que tam lamentáveis actos de desumanidade se não verifiquem mais e que os homens que arruinam a sua saúde nas fadigas do trabalho procurem, com devoção, fazer dos seus juvenis camaradas trabalhadores conscientes e hábeis, para que a sociedade de ámanhã tenha a perfeição que todos nós ansiamos.

Deixemos aos patrões a triste e exclusiva glória de, sem remorços, explorar e tiranizar os seus semelhantes, — crianças e adultos, homens e mulheres, novos e velhos — empedernidos pelo desejo insaciável de acumular lucros.

AS GREVES

Pessoal da Carris

O que se disse na assemblea de ontem dos grevistas

O pessoal grevista dos eléctricos reüniu ontem novamente, em grande número, sob a presidência de Carlos Fortes.

Depois de falarem vários oradores, Armando Martins disse que a comissão de melhoramentos a que preside ainda não tomou nenhum compromisso de honra que trouxesse humilhações para a classe. Declarou também ter havido uma reünião de delegados, em que se tomou o compromisso de não aceitar qualquer plataforma sem que ela seja submetida ao *comité* central. Referindo-se a uma reünião a que assistiu no *Século*, afirmou que ali só defendera princípios.

Informou depois ter a comissão de melhoramentos efectuado algumas *démarches* sem porém conseguir qualquer plataforma que o pessoal pudesse assinar, esperando ainda efectuar novas e importantes negociações.

Elogiou a atitude do sr. Alberto Tota, dizendo esperar que êle ali vá expôr a sua opinião.

Aconselha ao pessoal a maior firmeza na continuação da greve, no que é vivamente apoiado pela assemblea que ergue vivas à greve.

Classes gráficas

Tudo na mesma, realizando-se àmanhã nova assemblea magna

Mantém-se no mesmo pé o justo movimento dos camaradas gráficos, apesar da sua boa vontade, já por várias vezes iniludivelmente demonstrada, de pôr termo a tam anormal situação. A parte contrária, porém, devido à persistente coacção exercida pela famigerada Confederação Patronal, continua na mesma atitude de irredutivel intransigência, que, certamente, terminará breve, se as classes prosseguirem no seu movimento com a calma e a energia até aqui mantidas e que são, de resto, o apanágio das classes gráficas.

Reúnem, àmanhã, quarta-feira, pelas 15 horas, os camaradas em luta, para apreciar e resolver diversos assuntos que se relacionam com a boa marcha do movimento.

Convidam-se os camaradas grevistas inscritos para efeito desubsídio, a comparecer na sede sindical, hoje, terça-feira, pelas 17 horas.

Roga-se a todos os camaradas que tenham em seu poder listas de cotização já preenchidas, o favor de as entregar na sede sindical, onde todos os dias se encontram membros da comissão para êsse efeito, das 11 às 13, das 15 às 17 e das 20 às 22, para não prejudicar o bom andamento do expediente.

NO PORTO

O quadro tipográfico do jornal «A Tribuna» declara-se em greve, reclamando a equiparação dos seus salários aos das outras casas

PORTO, 26. — C. — Ontem, à tarde, declarou-se em greve o quadro tipográfico de *A Tribuna*, jornal democrático do dr. José Domingues dos Santos. A origem do movimento grevístico reside no facto dumas reclamações não atendidas. Há muito tempo que o quadro tipográfico daquele diário político vinha pedindo, dentro de tôdas as regras suasórias, um aumento nos salários, em conseqüência de não estarem em relação com os das outras casas. Então, auferiam os tipógrafos 3$50 por noite. O director político da gazeta, sr. José Domingues, que tem sido várias vezes ministro, adocicadamente disse a uma comissão que se entrevistou com êle que achava muito justas as pretensões, mas que a empresa era pobre, tinha prejuizo e a verba destinada ao periódico não dava margem a mais despesas. No entanto, indicou que se suprimissem ao quadro dois componentes e se distribuisse, entre os que ficassem, a quantia correspondente ao salário dos dois suprimidos.

Deu-se, depois, a coincidência de dois empregados se retirarem por motivos alheios à questão. E o quadro aproveitou logo o conselho: não preenchendo as vagas, dividiu entre si os salários dos dois colegas que se retiraram. Passaram os salários, portanto, de 3$50 para 4$10, de noite, e a distribuição do jornal para $90, não à custa da empresa, mas com um sacrifício enorme do pessoal reduzido, o que significa que os salários continuavam a ser os anteriores. Cá fora, a remuneração subiu, a ponto de no jornal da tarde *A Cidade* ser o salário diário, e dentro das 8 horas, de 5$00, e no *Comércio do Pôrto*, diário da manhã, ser o mínimo estabelecido, dentro do horário legal, também de 5$00, não se falando já no *Primeiro de Janeiro* e *Jornal de Notícias*, o primeiro relativamente bem pago, e o segundo bem mais remunerado que o órgão democrático.

Compreende-se que esta situação desigual não podia continuar, tanto mais que na classe principiava a haver umas censuras acres contra o quadro de *A Tribuna* por, para perceber uma média de 5$00, ter de trabalhar bestialmente durante um período de 9 a 10 horas, isto é, duas e três horas de tarde e sete de noite! Quási como se estivessem de empreitada, quási que sendo forçados os tipógrafos a ter sempre, mecânicamente, a mesma energia e a encher o jornal, quer o original fôsse cedo, quer fôsse tarde, quer houvesse anúncios de difícil execução e não usados até nos jornais diários, como tabelas de relatórios, á semelhança das que se fazem em casas de obras, quer êsses anúncios fôssem de fácil trabalho. Então, nova comissão foi nomeada e nova entrevista houve, desta vez com um tal sr. José Pinto. Mil promessas, mil desculpas, mil coisas. O jornal ia ser modificado, novo capital ia ser realizado e, nessa altura, o pessoal seria melhorado nos seus vencimentos, logo que as novas escrituras se assinassem. Tudo ficou por aqui, até que se dá o feriado de S. João. Era costume pagar-se os feriados. Porém, esta regalia foi cassada, não se tendo em consideração que o pessoal pacientemente vinha suportando o pagamento dum salário baixo, em comparação às outras casas. Como natural resposta, o quadro tipográfico resolveu apresentar estas reclamações, às quais exigiu uma resposta satisfatória: de noite, dentro do horário normal, 5$50; pela distribuïção, 1$40, e, para o futuro, o pagamento dos dias feriados. Como a reclamação não fôsse precedida de mensagem louvaminheira, os antigos governadores civis, comissários e ministros estranharam e julgaram uma imposição, quando, afinal, outra coisa não teem feito tambem senão imporem ao pessoal o cumprimento de deveres sem, contudo, quererem reconhecer direitos. Pois se até pretenderam deixar de pagar horas extraordinárias, supondo que os seus empregados tipógrafos tinham obrigação de trabalhar as horas que êles entendessem!

Pois, após isto tudo, o director sr. José Domingues mandou dizer para a imprensa que a empresa fôra *surpreendida* com uma *imposição* do seu quadro, motivo porque o suspendia, ficando de formar novo quadro a ver se na terça-feira já saía o jornal. Quer dizer: a empresa não se surpreendia com a má paga, a *vigarice* das promessas e as desconsiderações; apenas se surpreendeu quando o quadro se resolveu a sair da apatia e exigiu o que nas outras casas se ganha.

Pois que tenha paciência...

Casa dos Trabalhadores

Em reünião desta Comissão, resolveu-se convidar todos os delegados a reünir na sexta-feira.

São convidados, também todos os sindicatos a enviarem uma nota das quantias angariadas e entregues a esta comissão a fim de serem devidamente conferidas.

Os organismos que tiverem em seu poder algumas quantias para esta comissão devem depositar as referidas quantias no Banco de Economia Portuguesa em nome desta comissão.

HORARIO DE TRABALHO

No Tribunal de Arbitros Avindores

é condenado um industrial por ter despedido aprendizes-menores que se recusaram a trabalhar horas suplementares

Teve ontem o seu desfecho no Tribunal de Arbitros Avindores o caso do despedimento dos aprendizes menores que trabalhavam na oficina de serralharia do sr. Artur dos Santos, na Avenida Visconde Valbom, por se terem recusado a trabalhar as horas suplementares.

O tribunal, que reüniu em audiência de conciliação, conseguiu convencer o referido industrial que se tinha colocado fora da lei e portanto cabendo-lhe fazer justiça aos reclamantes, tendo sido por acôrdo estabelecida a indemnização de duas semanas de salário a cada menor, importância essa que o industrial pagou.

A pedido do árbitro operário Joaquim da Silva, o juiz presidente emprazou o referido industrial a não mais obrigar os aprendizes menores a trabalhar as horas suplementares da semana nem tampouco os domingos, sob pena de procedimento judicial que a lei lhe confere por aquele tribunal, assim como pela constituição do mesmo, os seus árbitros são autorizados à fiscalização do cumprimento de tôdas as leis do trabalho.

Em Aldegalega

O grupo dos 12 inconscientes e um manifesto edificante dum sabujo

ALDEGALEGA, 25. — Há algum tempo que em Aldegalega, onde a política impera, desviando os operários de tratarem da sua situação, um grupelho de egoístas, dando-se ares de sérios e honestos, tripudiam sôbre tudo e todos.

E' o caso de haver nesta vila uma Associação dos Operários da Construção Civil, que pouca vida tem tido, mercê da política e indiferentismo por tudo o que seja Organização Operária. Tendo até nomeado uma dezena de fiscais do horário de trabalho, alguns deles, ao fim de pouco tempo, eram os maiores traidores, pois que trabalhavam até sol posto. Não satisfeitos, com isso, começaram a fazer uma propaganda contra a associação e o próprio horário.

A associação, isto é, os poucos fiscais conscientes que ficaram, fazem por fiscalizar o horário impondo multas, sendo algumas sonegadas durante meses pelas autoridades que as deviam executar.

Existe até um grupo denominado — «Grupo dos 12», rebeldes e refractários à associação, que nunca lá puseram os pés e que dizem dela nada precisarem. Pois êsse grupo, conhecido já pelos *Engraxadores*, pensa e reúne em vários locais para fundar uma nova associação que terá por lema: não reconhecer horários e trabalhar tôdas as horas possíveis! E' uma associação de amarelos, de traidores, que todos os operários conscientes devem repudiar, guerreando-a em tôda a linha. Para verem de que estôfo moral são os tais «12», vejam um pequeno manifesto lançado à rua por um dos tais. Segue a transcrição sem alteração duma vírgula:

Ao povo — Conheceis-me bem, sabeis bem da minha honestidade.

Estive desviado da minha terra por perseguições, agora encontrando-me nela, tenho por infelicidade ser perseguido pelos meus companheiros por trabalhar, até que já fui à prisão e após oito dias dessa violencia, vieram-me multar na obra do sr. António Fernandes Costa, comerciante onde estou trabalhando a horas suplementares pagas a dobrar, por este necessitar o trabalho concluido com urgencia. Faço esta declaração para que os meus presados patricios saibam quanto tenho sofrido por trabalhar honestamente na minha arte de carpinteiro, o que é triste, mas deveis bem conhecer que o trabalho é a riqueza do país, eu infeliz, trabalho para fecundação da minha terra, me prendem e deixam em liberdade os que não querem trabalhar.

Aos meus patricios sempre grato.

Saude e Fraternidade — *José Rodrigues Pancão*, Aldegalega, Tipografia Moderna.

E que tal acham a prosa? Pois este engraxador já teve a paga da sua sabugice: foi expulso do trabalho do tal comerciante sr. António Fernandes Costa.

Os sabujos, os traidores, os engraxadores teem sempre uma recompensa.

Aos patrões sérios e honrados repugna-lhes o contacto com tais farçantes.

E' da máxima conveniência que a Federação Nacional da Construção Civil envie aqui um delegado para tratar desta questão.

No pavilhão Avenida

Os criados abandonam o trabalho

Os criados que servem as mesas do Pavilhão Avenida declararam-se em greve na noite de domingo.

Os proprietários daquele estabelecimento dizem que, tendo chegado ao seu conhecimento várias queixas pelos preços exagerados que os criados levavam, deliberaram afixar nas árvores do talhão em que se encontram as mesas, tabelas com os diversos preços.

Uma comissão dos criados veio a esta redacção declarar que não se opõem à afixação das tabelas, mas que protestaram contra uma nota que as mesmas tabelas continham, em que se prevenia os fregueses a que se acautelassem com os criados.

Progresso de caranguejo

Mais procissões

Protestos contra a sua realização

Uma comissão do Seixal e outra de Ereira, concelho do Cartaxo, acompanhada dos srs. dr. Magalhães Lima, Carrazeda de Andrade, Pinheiro de Melo e Júlio Berto Ferreira, pediram ontem ao sr. ministro do interior que não consinta na realização das procissões que se fazem naquelas localidades, respectivamente, em 29 do corrente e 2 de Julho, porque poderiam originar a alteração da ordem pública.

O ministro disse que ia cumprir a lei.

A regulamentação do serviço doméstico

As serviçais continuam protestando contra o livrete vergonhoso e vexatório

A Associação de Classe das Empregadas domésticas de hoteis e casas particulares, em preparação, realizou no domingo mais uma assemblea, a que presidiu Efigenia da Conceição Bugalho, e em que mais uma vez a numerosa e prestimosa classe manifestou tôda a indignação contra a estulta pretenção do já célebre governador civil-aviador de cadastrar as serviçais.

Aberta a sessão, usou da palavra José Sanches, que protestou contra a atitude assumida pelo sr. Lelo Portela, impondo às serviçais domésticas um livrete vergonhoso e vexatório. Em seguida, expoz à assemblea quais as grandes vantagens que traz a criação e o desenvolvimento da Associação de Classe das Serviçais Domésticas e declarou assistirem direitos à mesma classe que sempre tem sido, e continuará a ser, massacrada por uma especulação sem limites.

Mais afirmou ser absolutamente necessária a pronta organização da associação da mesma classe e aconselhou tôdas as presentes ao cumprimento de seus deveres e à prática de actos honestos para, assim, melhor se poderem dignificar aos olhos de quem quer que se arrogue o papel de seus detractores.

Falou a seguir, Raúl Baptista, da U. S. O., que exaltou a grande ideia iniciada, fazendo votos pelas prosperidades da classe. Fez salientar também a grande exploração que até à data tem sido exercida sôbre a classe das serviçais. Em seguida, lavrou o seu mais enérgico protesto contra o procedimento do sr. Lelo Portela, pela vexatória imposição do livrete e contra a exploração das agências de criadas, aconselhando tôdas as serviçais presentes a que deixem de recorrer às ditas agências e prosigam na fundação da sua associação de classe, que só pode trazer-lhes as maiores vantagens.

Domingos Pereira, referindo-se ao insulto do livrete, pediu para que tôda a classe se levante unânime, num protesto unísono e enérgico, citando o exemplo do último movimento da classe dos padeiros que, sempre unidos, conseguiram triunfar e impor os seus direitos a quem não queria conhecê-los.

Em seguida, procedeu-se à nomeação de alguns cargos da associação de classe, sendo nomeadas primeira e segunda secretárias, Efigénia da Conceição Bugalho, e Violeta Ribeiro de Magalhães; secretária administrativa Maria Nogueira; secretária arquivista Maria de Assunção Marques; tesoureira, Maria Júlia Pereira; primeira vogal, Emília da Conceição Daniel, e segunda vogal, Celestina de Sousa.

A sessão decorreu com muito entusiasmo, constatando-se grande animação na classe pela organização da sua associação.

O "Trinacria" no Tejo

Exposição flutuante italiana de amostras

Desde anteontem que se acha no Tejo, tendo atracado ao Cais da Areia, o hiate real «Trinacria», que comporta um mostruário colossal de produtos italianos dividido em 22 categorias.

A exposição dos produtos italianos abriu ontem ao público, concorrendo uma extraordinária afluencia de pessoas, realizando-se algumas transacções e fazendo vários negociantes muitas encomendas.

Hoje e nos dias seguintes a exposição abrirá ao público às 15 horas e fechará às 17,30 horas.

No Seixal

Uma desordem de que resulta ficar gravemente ferido um homem

António Fernandes Antunes, corticeiro, e seu filho António Fernandes Antunes Júnior, de 25 anos, solteiro, descarregador e residente no Seixal, dirigiram-se ontem para uma taberna sita na mesma localidade, onde se encontraram com um indivíduo com quem o Antunes, pai, há tempo, teve uma questão e se chama João Maria Rodrigues, corticeiro, residente no referido concelho.

O encontro fez com que fôsse lembrada a antiga questão e, por isso, houve uma acalorada discussão entre os dois corticeiros, a qual acabou por o João Maria, armado de uma enorme navalha, correr para o seu antagonista, na disposição de lhe tirar a vida. O filho do Antunes, que estava de parte, vendo a atitude do João Silva, lançou-se-lhe ao pescoço e com custo conseguiu desarmá-lo, mas de nada lhe valer o expediente, pois que o faquista tirou da algibeira uma pistola que levava e disparou vários tiros, indo um dos projecteis atingir o filho de Antunes, que caiu no solo banhado em sangue.

Enquanto o agressor se evadia, era o ferido socorrido por vários indivíduos que presencearam a scena, e que o levaram imediatamente ao pôsto da Cruz Branca no Seixal, sendo dali transportado numa maca para o hospital de S. José, onde o cirurgião de serviço verificou que o projectil se tinha alojado no peito, pelo que depois de devidamente pensado, recolheu em estado grave à enfermaria de Santo António.

EM TOMAR

Por protestar contra uma tourada

TOMAR, 25. — E. — Depois da entrada dos touros para uma tourada que àmanhã se realiza, a guarda republicana capturou alguns operários, que se encontravam junto da praça fazendo propaganda contra o bárbaro espectáculo.

Como várias pessoas protestassem contra o facto, entre elas alguns militares, o tenente da guarda Gustavo Gouveia, que estava vestido à paisana, tirou o sabre a um soldado que se encontrava próximo e picou um soldado de Sapadores dos Caminhos de Ferro, que teve de seguir imediatamente para o hospital civil, onde recebeu os primeiros curativos.

Depois saiu para a rua uma patrulha de cavalaria da guarda, comandada pelo 1.º sargento Santos, vestido à paisana, tendo êste agredido a cavalo marinho vários operários, sendo prêso o camarada Mário Alegrete, sem motivo justificado.

A BATALHA no PORTO

União dos Sindicatos Operários

A questão dos chapeleiros

Na passada terça-feira reüniu, em sessão federal, a União dos Sindicatos Operários. Tôda a discussão, mantida com calor e com critério, incidiu sôbre um ofício dimanado da Associação dos Chapeleiros àcêrca da questão do Sindicato Unico da Indústria do Vestuário, contra a qual a direcção daquele Sindicato se manifesta, aduzindo razões erradas, tais como a de que o Sindicato Unico tiraria a autonomia à sua especialidade. Os delegados presentes, ao pronunciarem-se sôbre o assunto, demonstraram que ou o juízo feito pela direcção da Associação dos Chapeleiros é inspirado pela ingenuidade e desconhecimento de causa, ou então, norteado por má vontade e princípios velhos fora da época, porquanto os sindicatos únicos não querem subordinar, autoritàriamente, colectividades operárias, tirando-lhes a autonomia, mas sim unificar, congregar, solidarizar entre si as várias especialidades das determinadas indústrias, que ficarão, da mesma forma, com a sua autonomia. Em virtude da larga discussão a que o ofício da Associação dos Chapeleiros deu origem, a restante ordem dos trabalhos ficou prejudicada, ficando para ser discutida na próxima sessão, inclusivé o parecer elaborado pela C. A. sôbre a actual situação económico-social. Por deliberação da assemblea federal, foi resolvido publicar-se em *A Batalha* o ofício da Associação dos Chapeleiros, bem como a resposta elaborada pela C. A. da União e aprovada na reünião dos delegados. O ofício dos chapeleiros é do teor seguinte:

PORTO, 9 de Junho de 1921.—Aos camaradas da União dos Sindicatos Operários do Pôrto:—Acusando a recepção do vosso ofício de 2 do corrente, a direcção da Associação de Classe dos Operários Chapeleiros Portuenses, reünida em sessão, deliberou, por unanimidade, responder-vos nos seguintes termos:

Recebeu, efectivamente, em determinado espaço de tempo, dois convites para fazer parte do Sindicato Unico da Indústria do Vestuário, não lhe tendo respondido logo pelo facto de trazer entre mãos, juntamente com a comissão de melhoramentos da classe, a organização da Federação Operária da Chapelaria Portuguesa, cujos trabalhos, aliás, estão de perfeita harmonia com as deliberações dos últimos congressos operários.

A certa altura, porém, esta direcção viu que a comissão organizadora do referido sindicato espalhava um manifesto alusivo às vantagens a dar aos seus futuros componentes, convidando ao mesmo tempo, mal e indevidamente, os operários chapeleiros a abandonarem a sua legítima associação de classe e a ingressarem naquela nova agremiação.

Como tam irritante e imprópria atitude operária requeresse um gesto de justa reprovação, resolveu-se nesse momento propor à citada comissão uma controvérsia entre ela e os nossos representantes e, por via de regra, manifestar-lhe o nosso profundo desgôsto por haver invadido atribuições pertencentes exclusivamente a esta associação de classe.

Estas deliberações foram, pois, transmitidas em ofício de 17 de Abril findo à indicada comissão, afirmando-lhe ainda, com a precisa e consciente autoridade de profissionais, que a indústria de chapelaria é incontestàvelmente autónoma.

Escusado será dizer que, ao propôr a mencionada controvérsia, apenas tínhamos em vista esclarecer aqueles camaradas acêrca da implicadíssima engrenagem profissional que gira em volta da nossa indústria, propriamente dita.

Ora, a resposta dada ao nosso ofício, de 17 de Abril, deixou-nos inteiramente convencidos da impossibilidade de conseguir o objectivo expresso no período anterior, porquanto o nosso convite havia sido mal interpretado pelo supradito sindicato, que, pelo visto, pretendia introduzir entidades estranhas na discussão de um assunto de puro carácter profissional.

Indiscutivelmente, não é preciso ser-se muito inteligente para compreender os resultados contraproducentes e agravantes que podem advir da discussão sôbre o modo de ser de qualquer indústria submetida ao critério dos que na mesma não são profissionais, quer pratica quer teòricamente falando.

Verificando, portanto, que a comissão do Sindicato Unico da Indústria de Vestuário se não norteara por um prudente e reflectido prisma, havendo-se desviado da doutrina pura e simples, constante do nosso ofício de 17 de abril, tomamos a decisão de não lhe responder e, conseqüentemente, pôr de parte a controvérsia proposta, sendo assim coerentes com a única intenção que presidiu a tal convite.

Devemos confessar que estavamos na inabalável disposição de mantermos o mais absoluto silêncio no tocante a esta descabida e provocante questão. Porém, o vosso ofício, de 2 do corrente, pela muita consideração que nos merece essa União, fez quebrar o significativo silêncio que desejavamos sustentar, para vos expor leal e claramente o que acima fica registado.

Segundo os nossos princípios e tradições, 25 de JUNHO cumpre-nos declarar, finalmente, com aquela franqueza que nos caraterisa e no intuito de arredar para bem longe questiúnculas entre a família operária, que a nossa associação jàmais permitirá depois das razões aduzidas, a ousadia de qualquer pessoa ou colectividade imiscuir-se na sua vida interna e menospresam a sua autonomia, notada, através dos tempos, em todos os congressos operários.

Também é conveniente elucidar-vos que todos os assuntos respeitantes à classe dos chapeleiros serão tratados pela respectiva Federação de Indústria, a qual esperamos inaugurar brevemente nesta cidade.

Em tais circunstâncias e dentro da presente ordem de ideas—«Cada macho no seu soutos»—a Associação de Classe dos Operários Chapeleiros Portuenses tem a honra de mais uma vez, vos dirigir efusivas Saudações Fraternais. O secretário—*Joaquim Augusto*.

A resposta da União dos Sindicatos é a que seguem:

A' Direcção da Associação de Classe dos Operários Chapeleiros Portuenses.—Prezados camaradas: Saúde. De posse do vosso ofício com data de 9 do corrente, cumpre-nos comunicar-vos a nossa satisfação pela franqueza que orientou a sua redacção, bem como agradecer-vos as palavras de consideração que nêle dirigis a esta União.

Era intenção dêste organismo como coordenador e orientador da organização operária local, ao enviar-vos o nosso ofício de 2 do corrente, procurar harmonizar as opiniões divergentes, e outro objectivo não visamos, senão o congraçar as fôrças que se dispersam sempre que surgem desavenças, quando, tendo em atenção o nosso anterior convite aos alfaiates, vos preguntávamos se estaveis na disposição de comparecerdes a uma sessão de controvérsia, que na sede desta União se realizaria. Quanto à competência dos que nessa sessão convosco tratariam, é certo que vós podeis afirmar que pràticamente eles desconhecem a engrenagem que gira ao redor da nossa indústria; o que não podeis afirmar, dum modo categórico, é que também a não conheçam teòricamente.

De resto, não era sôbre a autonomia da indústria de chapelaria que devia incidir a discussão a realizar-se a sessão naquele momento. O que se tornava necessário naquele momento era que, depois de ouvidas as várias opiniões, se assentasse se era lógico e conveniente que a classe que trabalha na indústria de chapelaria ingressasse no Sindicato Unico da Industria do Vestuário, porquanto, a autonomia da indústria não impedia que isso se fizesse. Isto confirma-se pela forma como teem sido organizados os actuais sindicatos unicos. Nós vemos que o Sindicato Unico Metalúrgico comporta em si um determinado número de especialidades, tais como, a ourìversaria, a serralharia, a latoaria, etc., que, segundo o vosso critério, que não pretendemos contrariar, representam industriais puramente autónomas; de igual forma o Sindicato de Calçado, Couros e Peles com as suas especialidades de tamaucaria, sapataria, surragem, etc.

E o que originou a constituição daqueles e outros sindicatos por tal forma, não foi mais a que necessidade imperiosa duma melhor organização, que mais proficuamente se podesse descempenhar da sua lata missão; assim, julgamos suficientemente demonstrado que não era lógico que a classe de chapelaria ingressasse no Sindicato Unico da Indústria do Vestuário. Quanto à conveniência só a vós vos competia pronunciar e era para isso que nós viamos conveniência na sessão a que a referiamos e que agora se torna desnecessária em virtude de já terdes manifestado claramente a vossa forma de vêr.

Ainda sôbre o nosso ofício e quando fazeis a declaração de que essa associação «jàmais consentirá a ousadia de qualquer pessoa ou colectividade se imiscuir na sua vida interna e menospresar a sua autonomia votada em todos os congressos operários», cumpre-nos elucidar, quanto ao caso presente, e pelo que a êste organismo respeita, que, nem a questão que vinha a ser ventilada era de carácter interno, porquanto se prendia com a organização geral, nem a intervenção dêste organismo foi ousada, porque isso está dentro do âmbito das suas funções; quanto à autonomia dessa associação ninguém de boa fé a pode negar, pois que, como dizeis, ela sempre foi reconhecida pelos congressos operários, o que não podia deixar de ser assim, desde que o sindicalismo tem por base a autonomia.

E porque em congressos operários falamos, não podemos deixar de manifestar o nosso desgosto pelo facto de essa associação, que se fez representar no último realizado em Coimbra e aprovou as resoluções ali tomadas, ainda não ter procurado pô-las em prática.

No actual momento que atravessamos, em que as lutas de classes estão chegadas ao seu auge, necessária se tornava uma forte organização que pudesse impor mais respeito e consideração pelos trabalhadores; não obstante isto, e mau grado nosso, a vossa associação ainda se encontra perante a restante organização numa situação dúbia; ela é aderente a esta União, mas há já bastante tempo que os seus delegados não comparecem às sessões federais, e não tendo ainda dado a sua adesão à C. G. T., encontra-se, por conseqüência, isolada da restante organização.

Fazemos votos, pois, porque de futuro vos integreis na organização, cumprindo assim as resoluções aprovadas no último congresso operário e votadas pelo vosso delegado, e que apenas visam à unificação da família trabalhadora, quere leveis por diante a constituição da vossa Federação, quere essa vossa aspiração se não converta em realidade.

Sem mais, vos enviamos as nossas efusivas saüdações fraternais.—Pôrto e sede da U. S. O., 22 de Junho de 1921.—Pela União dos Sindicatos Operários, a sua comissão administrativa, e por esta, *Luís A. de Carvalho*, secretário geral.

A BATALHA NA PROVÍNCIA E NOS ARREDORES

Sacavém

26 de JUNHO

Conferência anti-alcoólica

Como a *Batalha* anunciou, realizou-se ontem nesta localidade, uma interessante conferência contra o alcoolismo, pelo sr. Roberto Moreton, que com largos conhecimentos, expôs a uma assistência que excedeu a espectativa, o quanto tem de pernicioso o abuso do terrível veneno que tem entravado a marcha evolutiva da emancipação da classe trabalhadora.

Olhão

24 de JUNHO

Juventude Sindicalista

Segundo nos consta, pensa-se em reorganizar, definitivamente, a Juventude Sindicalista desta localidade. E' certo que a Juventude existiu e existe ainda, devendo-se a sua existência a meia dúzia de jóvens conscientes que pela sua manutenção se teem sacrificado e procurado fazer dela não só um baluarte de combate à sociedade actual, mas também uma casa de educação e propaganda das causas justas. Mas infelizmente, é com mágua que o verificamos, o proletariado desta vila, especialmente a mocidade trabalhadora, ainda não soube compreender o alcance de tam simpática iniciativa, preferindo para ponto de educação do seu espírito tacanho e ignorante, a taberna, o prostíbulo e a batota, três terríveis males que assolam a humanidade e onde a honra se afunda na lama e se premeditam os mais horríveis crimes.

Teem as Juventudes incluído no seu programa fazer uma tenaz propaganda contra a existência de tais antros. Porque não a ajuda essa mocidade que, procurando desviar-se do caminho da perdição, reconhece a absoluta necessidade dessa propaganda? Não sabemos.

Mas no entanto afirmemos que não há motivo plausível, para que esse indeferença, que se nota pela Juventude, continue. O operariado consciente há de reconhecer quão bela é a missão dêsse baluarte cujo lema é *Instruir é Construir*.

Sabemos mais que a comissão reorganizadora, em vista de ter recebido já as cadernetas pedidas à Federação, vai recomeçar a cobrança a partir do próximo mês de Julho e apelar para todos os jovens, que se inscrevam para continuarem sendo sócios, que venham levantar no mais breve espaço de tempo as respectivas cadernetas.

Estamos certos de que a mocidade trabalhadora de Olhão saberá corresponder ao apêlo da Juventude Sindicalista, podendo todos os camaradas que desejam ser sócios ir inscrever-se desde já, encontrando-se a respectiva sede aberta tôdas as noites.

Manejos da reacção

Olhão também é uma daquelas localidades onde a reacção campeia desenfreadamente e com a complacência das respectivas autoridades, desta *democrática* republica. Nos dias 18, 19 e 20 corrente realizou-se aqui um festival em homenagem ao falecido poeta olhanense dr. João Lúcio, e cujo produto líquido se destina—segundo nos diz o programa—para o monumento que uma comissão de admiradores do poeta pretende erigir.

Pois a reacção, que espreita todos os momentos para mostrar ao público ingénuo a sua crença em Deus... e no Diabo, aproveitou a ocasião, meteu bedelho no caso, e conseguiu que num dêsses dias (19) se exibisse mais uma vez a fantochada do costume, que percorreu as ruas da vila ante a pasmaceira dos *verdes-rubros* que, diga-se de passagem, já não sabem a quantas andam...

Será bom que os espíritos liberais continuem na sua propaganda, pondo o povo alerta contra novos assaltos da reacção.

Construção Civil

A comissão directiva do S. U. da Construção Civil continua trabalhando com entusiasmo no sentido de elevar o moral da classe e conduzi-la por bom caminho.

Para o próximo dia 1 de Julho está marcada uma assembleia geral afim, de se tratar de vários assuntos que se ligam com a boa marcha da colectividade.

Pede-nos a mesma comissão para que, por intermédio de *A Batalha*, façamos sentir aos operários daquela indústria de que é indispensável a sua comparência naquele dia, na sede do sindicato.

Aí fica o convite.—C.

UNIVERSIDADES, ACADEMIAS E ESCOLAS

Escola Primária Superior «Ribeiro Sanches». — A partir de hoje e até depois de àmanhã, das 11 às 17, estão em exposição os trabalhos escolares do presente ano lectivo.

Teatro de S. Carlos Telef. 5065
COMPANHIA
Rey-Colaço — Robles Monteiro
Hoje, às 9 1/2 da noite
Notável criação de *Amélia Rey-Colaço*
Marianela
O mais elegante e cómodo teatro de Lisboa
Modicidade de preços
Nenhuma exigência de «toilette»
No final do espectáculo, há, no Largo de S. Carlos, camions para vários pontos da cidade

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

S. U. Construção Civil.—*Secção profissional dos carpinteiros.*—Pela primeira vez, após a última assembleia geral, reüniu esta secção dando posse aos camaradas eleitos e tratando de vários assuntos de interêsse, que foram já discutidos em assembleia geral, resolvendo fazer um novo livro de matrícula, devido às muitas deficiências que se notam no existente. Por fim resolveu por esta forma avisar todos os componentes desta especialidade que qualquer reclamação a fazer por parte dos sócios só será aceite tôdas as segundas-feiras, das 20 às 23.

CONVOCAÇÕES

Federação da Construção Civil—Reúne hoje, pelas 21 horas, o Conselho Federal para tratar de assuntos pendentes.

S. U. Construção Civil.—*Secção profissional dos pedreiros.*—Reúne hoje, pelas 21 horas, em assembleia geral para tratar de assuntos de grande importância para a classe.

Comissão de melhoramentos.—E' convidado todo o pessoal que foi licenceado dos Bairros Sociais de Alcântara e Ajuda, assim como todos os tarefeiros e apontadores dos mesmos bairros, a comparecer hoje, pelas 10 horas da manhã, na sede da Federação, calçada do Combro, 38, A, 2.º para se tratar de assuntos que dizem respeito aos mesmos.

Tribunal dos Árbitros Avindores

Audiências de conciliação e julgamentos de ontem

Albino Ferreira contra a Fábrica de Cerveja «Portugália, Lt.ª»; conciliados em 120$00. António Moreira contra a comissão administrativa dos Bairros Sociais; conciliados em 215$00. Alberto Maria de Magalhães contra a V.ª de João Vicente Ribeiro Júnior; julgamento *sine-die*. Domingos Martins Louro contra a Empresa Nacional de Máquinas, Lt.ª; julgamento *sine-die*. Artur Pinto das Mercês, pai de António Pinto das Mercês, contra José de Faro; julgamento em 21-7-921. Joaquim José de Almeida contra Carreira, Lt.ª, representada por Orey Antunes & C.ª; aguarda promoção. Ricardo Ramos contra Grandela & C.ª; julgamento em 21-7-921. Alfredo Júlio Ramos da Silva contra Carmona, Lt.ª, conciliados em 36$00. Sabino dos Santos Graça contra a casa Kodak; julgamento em 28-7-921. Eugénio Marques, representado por Alfredo Marques; José Alexandre, representado por António Lopes, contra Artur dos Santos; conciliados em 28$80. Júlio Lemos Quartin contra Adriano Vasconcelos, gerente de Pombinha & Leitão, Lt.ª; julgamento em 21-7-921. Júlia Soares contra Luísa Pinto; condenada a ré em 30$00.

A fôrça do hábito

Na rua da Oliveira, ao Carmo, andavam no domingo à noite a brincar duas crianças ali residentes. Uma delas, José Maria Martins, de 7 anos, filho de Alfredo Gonçalves Martins, lembrou-se de espreitar para a casa do soldado n.º 110 de cavalararia da guarda republicana. Foi o bastante para que este guarda viesse à rua, dando uma forte bofetada naquela criança, que ainda apresenta sinais bem visíveis numa das orelhas, provenientes da selvajaria.

A mãe do pequeno foi queixar-se ao quartel do Carmo, e talvez por isso o tal guarda ameaçou-a, proibindo-a de passar pela porta dele!

Mas, onde vivemos nós? Está de tal forma inveterado o hábito de agredir que nem as crianças escapam!

Congresso Municipalista

Instalou-se ontem nos Paços do Concelho a comissão que, por iniciativa da Junta Geral do Distrito, deve tratar do Congresso das Câmaras Municipais do Distrito de Lisboa. Presidiu também ao acto o coronel sr. Ramos da Costa por se o vice-presidente da Junta.

Para tratar da organização das bases do Congresso foi nomeada uma subcomissão.

Tendo algumas câmaras manifestado o desejo de que o congresso não se limitasse às câmaras do distrito mas sim às de todo o país, constituindo assim o 2.º Congresso nacional dos municípios, resolveu-se oficiar a tôdas as juntas gerais de distrito, pedindo-lhes o seu parecer.

REINALDO VARELA

O exímio guitarrista toma parte também no espectáculo depois de àmanhã, dedicado à «Batalha», no teatro Gil Vicente

Cresce dia a dia o entusiasmo pela récita dos autores de *A Rosa do Jardim*, que se realisa depois de amanhã, no Teatro Gil Vicente, récita essa dedicada à *Batalha* que terá 10 % da receita líquida.

A' última hora chegou a adesão a esta festa do professor Reinaldo Varela, que tôda Lisboa conhece e admira.

Os bilhetes que restam ainda se encontram hoje e àmanhã à venda, na nossa administração, e no próprio dia no camaroteiro do teatro, das 20 horas em diante.

«Komunist-Esperantisto»

Deve aparecer nos primeiros dias do mês imediato êste mensário comunista-esperantista, órgão do Grupo «Progreso» escrito em português e esperanto com colaboração de Manuel Ribeiro, António Peixe, Bernardino dos Santos e outros conhecidos escritores revolucionários e esperantistas.

DESORDEM

Na noite de anteontem deu-se uma grave desordem, na «terrasse» do Café Suíço, entre um grupo de oficiais do exército, resultando alguns ficarem bastante feridos.

O facto provocou grande ajuntamento, tendo comparecido a polícia que não chegou a intervir.

Últimas notícias

Câmara Municipal de Lisboa

A sessão de ontem à noite

Com o lugar reservado ao público literalmente cheio, principalmente por pessoal dos eléctricos, reüniu-se ontem à noite em sessão extraordinária a vereação da Câmara Municipal de Lisboa.

Foram discutidos e votados alguns pareceres de comissões de estudo àcêrca de processos que lhes foram submetidos. Em seguida encerrou-se a sessão.

A câmara não tratou em sessão da questão dos eléctricos, por o assunto não constar do edital convocatório das actuais sessões extraordinárias.

A questão dos eléctricos

A reünião particular da vereação terminou de madrugada. Segundo nos consta, a vereação resolveu votar na próxima sessão pública uma moção em que afirma perentòriamente à população da cidade que não consentirá no aumento de tarifas, nem noutra forma de as aplicar e regular que não seja a que está inscrita nos contratos.

Os mineiros na Inglaterra

Uma nova conferência

LONDRES, 27.—O primeiro ministro convidou para uma conferência os mineiros e os representantes dos proprietários das minas para àmanhã. Os mineiros enviaram uma carta a Lloyd George, indicando-lhe a cifra dos salários pela qual se poderia chegar a um acôrdo. A Federação deseja que o govêrno repita a sua oferta de dez milhões de libras que devia ser concedida nos períodos de baixa de salário.—*Rádio*.

A LIBERDADE NO JAPÃO

Supressão de jornais

TOKIO, 27.—O govêrno japonês suprimiu o jornal *Advertiser* que se publicava neste país. Foram também suprimidos outros diários extrangeiros, por publicarem artigos àcêrca da aliança anglo-japonesa.—*Rádio*.

CONFERENCIAS

«Uma nova guerra em Portugal»

O camarada Luciano Silva, organizador do movimento anti-alcoolista neste país, realiza hoje, às 21,30 horas, na Universidade Popular, Rua Almeida e Sousa, a Campo de Ourique, a 5.ª conferência da série de divulgação que a Associação Anti-Alcoólica Operária vem promovendo entre as classes trabalhadoras.

Os tópicos são os seguintes:

«A entrada de Portugal no combate ao alcoolismo. O dever dos trabalhadores, da mulher, dos médicos e dos professores. A influência do tráfico alcoólico na miséria nacional. Criem-se cooperativas e limite-se o número de tabernas. A indústria da passa e do açúcar da uva. O objectivo do nascente movimento anti-alcoólico em Portugal.»

Haverá projecções luminosas, tribuna e entrada livres.

VIDA POLITICA

Partido Comunista.—Reüniram os componentes da Junta Nacional, aprovando propostas de sócios e apreciou vários pontos de vista de alguns camaradas, àcerca do manifesto a lançar ao país, e os trabalhos a apresentar à assembleia da próxima semana, da qual breve será dado a público o dia.

Reúne novamente hoje pelas 21 horas.

Centro Socialista do Monte Pedral.—Os corpos directivos dêste Centro resolveram expulsar do seu seio um filiado que hoje ocupa o lugar de administrador do concelho de Alcanena, e que também estava filiado num centro democrático, oficiando-se nêste sentido ao Conselho Central do P. S. P., Confederação Regional do Sul, e à Federação Municipal Socialista.

Foram ventilados diversos assuntos de carácter partidário, ficando resolvido mandar imprimir um manifesto para ser distribuído pelos paroquianos de Monte Pedral, ventilando-se também a questão dos lécitricos sendo a opinião dos corpos directivos que a Câmara Municipal não deve consentir aumento algum seja porque motivo fôr, visto o relatório do vereador José dos Santos declarar que a companhia tem lucros, podendo por êsse motivo aumentar o seu pessoal sem vir sacrificar mais uma vez o povo de Lisboa, já há bastante anos sacrificado.

Na taberna

Uma scena de facadas

Joaquim Feliciano, de 29 anos, de Alcochete, morador na Praça da Viscondessa, 12, aos Olivais, e António Gordo, carroceiro, andavam há tempos de rixa por questões que haviam tido. Ontem, quando Feliciano se dirigia para a taberna do Gouveia, na Praça Monte Velga, apareceu-lhe o António Gordo que, depois de uma troca de palavras lhe vibrou duas facadas, uma no braço direito e outra no ventre. Depois de operado no banco do hospital de S. José, recolheu a uma das salas de observação.

Afogado por reconhecer

Na morgue, deu ontem entrada o cadáver de um homem encontrado à toma da água na praia da Cruz Quebrada.

Desconhece-se a sua identidade.

Mortos sem assistência

Na morgue deu ontem entrada Romão Dourado, aguadeiro e residente no Campo dos Mártires da Pátria, que na residência faleceu sùbitamente.

—No mesmo estabelecimento deu também entrada um indivíduo, de nome Manuel, residente na rua das Chagas, 12, que ali faleceu sem assistência.

Quedas desastrosas

Nos quartos particulares do hospital de S. José deu ontem entrada Cesar de Carvalho Albuquerque, comerciante, natural de Arganil e residente na rua das Flôres, 25, 1.º, que em Carnide deu uma queda fracturando a perna direita.

—Na enfermaria de Santo Onofre do mesmo hospital deu ontem entrada Manuel Joaquim Muletas, de 70 anos, trabalhador e residente em Cacém de Cima, que ali deu uma queda de um cavalo, fracturando a perna esquerda.

FOLGUEDOS POPULARES

Nas travessas do Alcaide e do Terreiro a Santa Catarina prosseguem hoje, pelas 21 horas, as festas que, com tanto brilho, foram realizadas nos dias 25 e 24 do corrente, havendo iluminação eléctrica e à veneziana, de lindo efeito, e baile abrilhantado por um excelente grupo musical.

Teatros & Cinemas

Primeiras

NACIONAL.—**Derrocada**, *peça em 3 actos, de Lourenço Caiola.*

O teatro começa, fora de dúvida, a tentar os nossos literatos. O número de dramaturgos aumenta cada dia e, se, enveredando pelo mesmo caminho que os mais antigos andaram já, não transformaram ainda o teatro no valor real que êle é e quando bem compreendida a sua função, é positivo que êste movimento contínuo marca o início duma era nova de trabalho, de que sairemos possìvelmente triunfadores, nesta luta vigente por uma humanidade melhor.

E' certo que o esqueleto de quási tôdas estas peças modernas, é a banalidade pura e simples, de que não há forma de desviar os nossos escritores, como os alheios, de resto. Não há uma idea alevantada. E' tudo comesinho, chôcho. No entanto, é agradável registar estes passos, vacilantes embora, porque nem sempre se pode atingir dum fôlego o objectivo desejado; tudo quanto se conquista dum jacto não é estável. E' por tentáveis que se chega sempre a resultados práticos. Ora, a peça do sr. Lourenço Caiola é uma dessas muitas tentativas, enfermando de todos os defeitos do embonecado teatro francês, com a agravante do diálogo ser o menos espontâneo possível, adivinhando-se em cada frase a preocupação de o poupar a expressões ridículas, preocupação que lhe trouxe justamente o polo oposto. O diálogo duma peça de teatro tem de ser o mais natural e correntio; quanto mais se buscam as palavras mais se torcem as ideas e conseqüentemente mais se tortura o público. E' vêr a forma de dialogar dos mestres da literatura dramática. Clareza, simplicidade; e, cada vez me convenço mais, ouvindo as produções dos nossos novos dramaturgos, que é esta uma facilidade transformada por êles próprios em dificuldade invencível. Os diálogos do sr. Caiola são como um grande limão—todo casca.

Derrocada, como obra de teatro, não me satisfaz, como não satisfaz outras aspirações que não sejam só as de ir para uma casa de espectáculos passar duas ou três horas. E' uma novelasinha em 3 actos, frouxa, muito frouxa, mesmo, e que, como assunto de novela ou como tema teatralizável, é banal, banalíssimo.

...O adultério!... Estamos todos cansados de vê-lo, tratado de todas as formas e feitios e, com franqueza, o modo como o sr. Caiola o tratou não foi dos mais felizes. Depois, há scenas concebidas com uma certa previsão dos efeitos mas prejudicadas, já pela repetição do que anteriormente se dissera, já pela forma anti-natural, artificiosa, como foi construída a linguagem da peça. O desfecho também não é coisa que se veja; esteve mesmo, prestes a mudar-se em alguma coisa de trágico... para o autor. E' certo que o sr. Caiola não está já em idade de folias e, por isso, se lhe desculpa o facto de haver tido medo de arregaçar as mangas, preferindo escrever com um aparo de ouro a escrever com uma acha. Talvez fôsse a salvação do acto, quiçá da peça, se a última scena tivesse sido violentamente bernsteiniana. Mas se até a senhora Palmira Torres se esforçou por torná-la o mais irreal possível, com a sua feição romântica, antiquadíssima, de interpretar todos os seus papeis! Não vejo que êste papel seja muito do seu agrado, porque ela começa logo a sofrer e a chorar no primeiro acto, mas o que é verdade é que «cauta» demasiado as suas frases, e assume, para pedir o mais insignificante copo de água ou o leque que lhe esqueceu no toucador, uns ares trágicos como todos os diabos, esbugalhando os olhos e dando à voz um tom gélido, apavorante. Uf! que medo! E' uma actriz muito conscienciosa, sem dúvida, mas para papeis bem diferentes. Das senhoras distinguiu-se ainda Ilda Stichini, que avança resolutamente, com uma firmeza consoladora, na arte difícil que abraçou. Oxalá não me dê nunca motivo de me arrepender destas palavras, que são as que sempre tenho dito a seu respeito. Fez também um papel pequeno, mas com a intenção e a justa compreensão que êle requeria, a nóvel actriz Ana de Oliveira. Muito bem. Vê-se que progride e estuda.

Acácia Reis e Sara Cunha não se afastaram muito do que se desejava. Dos homens, Brazão foi sóbrio, correcto, no seu pouco compreensível papel; Erico Braga teve scenas muito felizes, e Holbeche Bastos foi demasiado manequim, falando sempre no mesmo tom, desimportadamente, e parecendo muito aborrecido com tudo aquilo. De notável tivemos ainda as horríveis *toilettes* de Palmira Torres e alguns catorze «absolutamente» que durante o segundo acto se ouviram.

Em suma: é por peças dêste género que se estabelece o ponto de comparação entre o caminho percorrido e o infinitamente longo que falta ainda percorrer. Percorram-no os novos. Sem querer chamar velho ao sr. Caiola, êle já não terá paciência para o tentar.

Antero de LIMA

Notícias

Esta noite, no Gimnásio, em representação única, vai à scena a lindíssima peça *Duas causas*, em que Alves da Cunha é admirável, tendo também, na mesma obra, um magnífico trabalho a gentil actriz Berta de Bivar. O espectáculo é em festa dos estimados actores António Tavares e António Rodrigues e, igualmente, de Pinto Monteiro, não menos estimado ponto daquele teatro. A récita tem ainda o atractivo de um sensacional acto de variedades.

Prosseguem neste teatro, com a maior actividade, os ensaios da nova farça *O célebre Pina*, afim de que a temporada de verão seja inadiàvelmente inaugurada naquele teatro a 5 de Julho. A peça, ao que nos afirmam, é uma verdadeira fábrica de gargalhadas.

A'manhã realiza uma das suas últimas representações a famosa peça *A Garra*, em que Alves da Cunha é notabilíssimo.

Reclames

Poucas mais récitas dará *Marianela*, a encantadora peça dos Quintero, que a S. Carlos tem levado todos quantos apreciam bom teatro, e onde Amélia Rey Colaço, mercê da sua sensibilidade artística, tem uma das suas mais notáveis criações. Além do trabalho da distinta actriz, devemos destacar Fernanda de Sousa, correctíssima no seu papel, Ofélia Brochado, gentilíssima no «Celipim», e a graciosidade de Antónia de Sousa e Júlio Silva. *Marianela* está posta com todo o rigor, sendo digna de menção a scena do 1.º acto, um verdadeiro jardim, revelador do bom gôsto de Amélia Rey Colaço. *Marianela* é uma peça que recomendamos e que ninguém deve deixar de ver.

A empresa conseguiu ter no largo de S. Carlos, depois do espectáculo, camions para vários pontos da cidade.

—São três actos traçados com verdadeira perícia de escritor teatral, os que imaginou para a sua peça, em scena no Nacional, o sr. Lourenço Cayola. O novo original, que no elegante teatro tem atraído enorme concorrência, consegue interessar o público logo no desenrolar das suas primeiras scenas, mantendo-o em espectativa até ao desenlace da obra.

—Em despedida irrevogável, vai hoje à scena, no Avenida, a deliciosa comédia *Pipiola*, sendo a récita promovida por uma comissão de amigos do antigo contra-regra Correia, e a êle dedicada.

—A *Miss Diabo* e decididamente uma peça de sorte, cada uma das suas récitas indica uma casa esplêndida, e cada domingo um espectáculo à cunha. A *Miss Diabo* repete-se hoje e continuará por muito tempo.

CARTAZ DO DIA

S. CARLOS—A's 21,30—«Marianela».
NACIONAL—A's 21,15—«A Derrocada».
POLITEAMA—A's 21,30—«Miss Diabo».
GIMNASIO—A's 21,30—«As Duas Causas» e um acto de variedades.
AVENIDA—A's 21,30—«A Pipiola».
APOLO—A's 21,30—«Pôrto, tantos de tal...».
SALÃO FOZ—A's 20,30 e 22,30—«Troiaró», revista.
TEATRO GIL VICENTE—A's 21,30.—Domingos, segundas e quintas-feiras.—«A Rosa do Jardim».
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21,30—Animatógrafo.
Variedades e Animatógrafos.—Salões Olimpia, Chiado Terrasse, Central, Condes, Anjos, Promotora, Portugal, Cine-Paris, Ideal e Chantecler.

DESPORTOS

Campeonato Internacional de Luta

De acôrdo com jornalistas desportivos se organiza o oitavo Campeonato Internacional de Luta de Lisboa, que no dia 30 se inicia no Coliseu. Em face dos nomes dos lutadores já inscritos e de outros que se esperam, deve reconhecer-se que nenhum dos anteriores campeonatos se apresentou tam valioso.

Rendimentos dos operários

Depois de verificado o óbito no Banco do hospital de S. José, recolheu à morgue José da Silva, de 50 anos, trabalhador, natural da freguesia de Colanes, concelho de Fafe e residente na rua Pascoal de Melo, 21, 2.º, que numa obra de que é proprietário o mestre Filipe Martins, na rua Filipe Folque, caiu de uma empena da altura de um 4.º andar, tendo tido morte instantânea.

Assistência aos órfãos de praças de pré mortas na grande guerra

O presidente do Conselho de Administração da Fraternidade Militar, faz saber, em nome dêste Conselho, que está aberto concurso por 60 dias, para a escolha de dois orfãos, por cada distrito administrativo do país, filhos de ambos os sexos, de praças de pré mortas na grande guerra, tanto em França como no Ultramar, que serão admitidos nos estabelecimentos de assistência e de educação a cargo do Estado, os quais são adoptados como pupilos pela Fraternidade Militar, que lhes dispensará tôda a assistência moral até completa educação ou até adquirirem modo de vida que lhes garanta o futuro.

São condições de preferência para ser admitidos a êste concurso: ser orfão de mãe; ter sido abandonado pela mãe; ter a mãe impossibilitada de lhe dar assistência moral, por motivo de doença ou de má conduta; maior grau de pobresa da mãe; maior número de filhos de ambos os sexos: 1.º orfão de pai morto em combate; 2.º por ferimentos ou doença adquirida em campanha; ser maior de 2 anos e menor de 12.

Os requerimentos darão entrada na Secretaria das unidades, acompanhados dos seguintes documentos: certidão de idade do orfão; certidão de óbito de pai e de mãe, ou só de pai, podendo esta ser substituída por atestado passado pelo comandante da unidade a que o pai pertencia; atestado de pobresa ou de desamparo, passado pela junta de paroquia da respectiva residência; atestado médico de que o orfão não sofra de doença contagiosa; atestado de vacina ou revacina; certidão de algum exame, caso o orfão possua essa habilitação.

SAPATARIA
Marques Ferreira & C.ª
Calçado de luxo em todos os géneros pelos mais elegantes modêlos, executa-se com tôda a perfeição e solidês na Rua da Procissão, 141, tomando também conta de todos os consêrtos.

Restaurant AVENIDA
Club Palais Royal
Almoços, jantares e ceias
Duas lindas salas de jantar.—Concertos tôdas as noites.—Um dos mais chics pontos de reunião de Lisboa
Avenida da liberdade, n.º 3, 1.º e 2.º andares

Nicolau Gomes Correia

Acaba de receber um grande sortido de cheviotes, género inglês, estambres, casimiras e alpacas a preços sem competência. Um enorme stock de casacos de alpaca já confeccionados, assim como gabardines, para senhora e casacos. Um grande sortido de kakis
—AVIAMENTOS— PARA ALFAIATES
Rua dos Fanqueiros, 255

A' grande Baixa de Calçado na Sapataria Social Operária
Sapatos em calf-preto para senhora a . . . . . 11$00
Sapatos em verniz todos os modêlos a . . . . . 20$00
Botas calf-preto grande saldo 21$00
Botas calf-preto com duas solas . . . . . 22$50
Grande saldo de botas pretas para homem . . . . . 17$00
Grande saldo de botas brancas . . . . . 16$15
Um colossal sortimento em calçado para crianças
Grande saldo de botas de côr para homem a 23.00
Vão ver, pois só lá se encontra Barato e Bom
18, R. dos Cavaleiros, 20, com filial no n.º 69

Bandeiras e Balões
Vendem-se e alugam-se. 149 Travessa da Palha, 151. Alfaiataria com fazendas. Casa estabelecida e premiada desde 1885. A. Cardoso.

Carpinteiro de rodas
Precisa-se, Rua de Serpa Pinto, 39.

TORNEIRO MECANICO
Precisa-se. Rua Cais do Tojo, 5.

A' rapaziada!!!

As valentes e peras!
CALÇADO BARATO
Só na **Sapataria de S. Roque**
(FABRICO MANUAL)
BOTAS de vitela branca, para homem, de 1.ª, a . . 20$750
BOTAS de vitela branca